

Apresentação

Ana Alice Costa
Angela Maria Freire
Cecilia M. Sardenberg
Felipe B. M. Fernandes

Este é o nosso primeiro número do Volume 2 da Revista Feminismos e com ele trazemos alguns ajustes visuais e estruturais visando sempre a procura de uma estética mais adequada à nossa perspectiva da interdisciplinaridade. Continuamos nossa busca de apresentar diversas perspectivas do feminismo e suas articulações com outras temáticas, com os movimentos sociais, abrindo espaços para novas e novos pesquisadores ao tempo em que somos agraciadas com a colaboração de reconhecidas teóricas do nosso campo de saber.

Este número representa muito essa perspectiva. Passeamos por várias temáticas e visões em uma espécie de caleidoscópio. Na primeira seção, trazemos cinco artigos que traduzem essa diversidade de feminismos e suas possíveis leituras de contextos, realidades, contribuições teóricas etc.

O artigo de Claudia Andrade Vieira e sua orientadora Ana Alice Costa inova por trazer uma visão crítica feminista sobre o urbanismo moderno desde suas origens. Segundo as autoras, no campo do planejamento urbano, a teoria continua sendo indiscutivelmente dominada por homens e indiferente às questões de gênero, apesar da contribuição de algumas teóricas que, através da perspectiva feminista têm repensado questões como “organização do espaço, economia e reprodução, diferença e relações sociais, linguagem e comunicação, epistemologia e metodologia, ética e natureza do domínio público”. Dentre estas autoras, tem se destacado Jane Jacob e Dolores Hayden que, através de vários estudos, têm mostrado o quanto o modelo urbano é sexista e reforça o modelo familiar patriarcal. A partir da contribuição de algumas estudiosas do urbanismo, Vieira e Costa apontam para a necessidade de:

desconstruir o discurso urbanístico racionalista que definiu o traçado de inúmeras cidades brasileiras e as intervenções a partir de referenciais masculinos, como o modelo de zoneamento, que é um típico modelo androcêntrico que dificulta, sobremaneira, a vida das mulheres.

Da Argentina, temos a contribuição de Cecilia Lagunas, Mariano Ramos e Damián Cipolla com um artigo que traz uma espécie de balanço do caminho percorrido pelos estudos sobre mulheres e gênero nas universidades públicas da Argentina, iniciado nos anos 80, a partir do processo de redemocratização. Segundo os autores, ainda nos anos 70, sob a repressão do regime militar, surgem muitos grupos “*auto gestionários y feministas*”, grupos vinculados aos partidos de esquerda, geralmente constituídos por mulheres profissionais das áreas de Ciências Sociais que se nucleavam em diferentes grupos autônomos. Nas Universidades, a institucionalização destes grupos somente acontecerá ao longo dos anos 90 quando se formam e consolidam os Centros ou Áreas de “*Estudio de las Mujeres*” nas universidades públicas, inicialmente como Centros de Estudos da História das Mulheres e que, posteriormente, com a incorporação de pesquisadoras de outras áreas, se tornam grupos interdisciplinares. Segundo os autores:

hoje, são mais de 20 anos de investigações e outras contribuições a partir da teoria, a pensar uma sociedade mais justa em que homens e mulheres revejam seus papéis no interior das suas vidas privadas e no exercício das suas profissões.

Tomando como ponto de análise a lei de proibição do uso dos véus integrais em espaços públicos, aprovada na França, em 2011, Elena de Oliveira Schuck, à luz da contribuição de algumas teóricas feministas, analisa as dimensões políticas e ideológicas deste processo, na perspectiva do conceito de justiça, liberdade e igualdade. Criada com a justificativa de promover a laicidade e a igualdade de gênero na França, a lei estabelece multa para quem usa ou impõe o uso de véus integrais – burca ou *niqab* – o que, no caso da França, significa em torno de duas mil mulheres. Ao longo do artigo, a autora se utiliza dos conceitos de diferenças, alteridade, diversidade e da produção discursiva da subjetividade para construir sua análise. Ao final, conclui que a “lei parece assumir um caráter muito mais *islamofóbico* do que igualitário e feminista”, na medida em que promove

medidas proibitivas como forma de “libertar” apenas um pequeno grupo cultural.

A partir da leitura crítica dos dois Planos Nacionais de Políticas para as Mulheres (PNPM), resultantes das I e II Conferências Nacionais de Políticas para as Mulheres (CNPM), procurando identificar a forma como idades e gerações foram neles incorporadas, Carla Batista e Alda Motta analisam a ação dos movimentos em demanda por políticas públicas que beneficiem as mulheres na velhice e chamam a atenção de que:

categorias de idade e geração são espaços do conhecimento ainda não apropriados ou interpretados pelo feminismo como referências teóricas e de observação da realidade, como o são as categorias de gênero, classe e raça/etnia.

Um exemplo dessas ausências são as mulheres idosas, que nunca são pensadas no campo da saúde onde o feminismo está mais voltado para a questão reprodutiva e sexual das mulheres e os estudos sobre violência, que não veem a violência doméstica vivenciada pelas idosas, pelos filhos e companheiros. Por outro lado, pode-se identificar alguma centralidade na preocupação com a velhice das mulheres na garantia do acesso à aposentadoria e, conseqüentemente, na autonomia econômica.

No último artigo dessa seção, Carla Bezerra busca analisar as mudanças ocorridas no movimento feminista brasileiro, no período entre 1980 e 2010, no que se refere aos discursos, formas de organização, demandas e estratégia de atuação, com destaque para o que a autora denomina “institucionalização do feminismo” brasileiro na sua relação com o Estado e à atuação para além das fronteiras nacionais das feministas. A partir da análise da trajetória do feminismo neste período, a autora concluiu que houve avanços significativos em termos de conquistas e ingerência na estrutura do estado, a exemplo da Constituinte de 1988, da consolidação da Articulação de Mulheres Brasileiras e da Marcha Mundial de Mulheres como referências nacionais do movimento. Para Bezerra:

[o] movimento feminista incorpora desde grandes mobilizações de rua, passeatas, performances, passando por estratégias de *lobby e advocacy* até a participação em espaços de interação com o Estado, como Conselhos e Conferências.

No nosso espaço livre das temáticas do Movimento Feminista, neste número, trazemos a contribuição da pesquisadora latino-americana Sonia Alvarez, com uma

significativa produção sobre o feminismo latino-americano que a coloca como uma das teóricas que, reconhecidamente, tem contribuído no registro, na análise e no entendimento do feminismo latino-americano dentro da diversidade que lhe é peculiar.

Partindo da identificação de três momentos vivenciados pelo feminismo latino-americano, a saber: Fase I ou Neoliberalismo de Mercado Fundamentalista; o Neoliberalismo Multicultural com uma Face Humana ou Neoliberalismo da Fase II; e Neo-desenvolvimentismo ou Fase III do (Pós) Neoliberalismo, Alvarez identifica as características de cada momento, os impasses vivenciados pelo movimento, os processos de mudança e de institucionalização, as divergências de concepções e práticas que se contrapõem e se enfrentam, não deixando de estar atenta para as especificidades locais e culturais.

Nesse percurso analítico, Alvares não só trata do feminismo transnacional como das articulações locais e internacionais com o feminismo popular, a exemplo da Via Campesina, da Coordenação Andina de Mulheres Indígenas, da Confederação de Trabalhadores na Agricultura (Contag), da Rede Feminista de Economia, do Movimento da Mulher Rural do Nordeste, e do Fórum Brasileiro pela Soberania e Segurança Alimentar.

Na sessão intitulada “Dossiê”, temos a colaboração de Reinaldo Matias Fleuri que, de forma solidária, se dispôs a organizar um conjunto de textos selecionados na 9ª Edição do Concurso de Prêmios “Construindo a Igualdade de Gênero”, lançada em 2013. Este prêmio é uma iniciativa da Secretaria de Políticas para as Mulheres/Presidência da República, do Ministério da Ciência e Tecnologia e Inovação, do Ministério da Educação, do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, e da ONU Mulheres.

Após ter participado por várias vezes da Comissão de avaliação do prêmio, Fleuri tem uma visão ampla de todo o processo de mobilização e de sua importância na formação de futuros pesquisadores na temática. Os dados apresentados por ele, logo no início da sua apresentação, são suficientes para explicar nosso interesse em publicar um dossiê que, de certa forma, refletisse um pouco sobre essa produção. Segundo Fleuri:

Os trabalhos premiados indicam a riqueza e o potencial crítico das pesquisas que estão sendo realizadas hoje no Brasil por estudantes de diferentes níveis. Entretanto, o conjunto de

trabalhos que não foram contemplados (quase 99%) representa uma imensa riqueza de informações. Estes trabalhos, em seu conjunto, estariam indicando os temas que estão chamando mais atenção dos estudantes brasileiros, os problemas que estão sendo focalizados, suas perspectivas teórico-metodológicas, o perfil de seus autores, por regiões brasileiras, por graus e áreas de formação e de pesquisa.

Esse conjunto de textos apresentados por Fleuri se adéquam plenamente à perspectiva que apresentamos inicialmente como integradora deste número, ao apresentar diversas perspectivas do feminismo e suas articulações com outras temáticas.

Na seção “Arte de Mulher”, apresentamos a artista plástica **Fátima Tosca**, nascida em Salvador, uma das artistas que ilustram nossa revista. Fátima começou sua carreira como artista em 1976, ilustrando livros, jornais

e revistas. Suas obras integram importantes coleções particulares e públicas no Brasil e no exterior, a exemplo do *Museum Fur Volkerkunde* (Museu dos Povos), em Frankfurt/Alemanha. Premiada em diversas oportunidades, Fátima Tosca é muito elogiada pela crítica especializada e é um dos grandes nomes da sua geração no cenário contemporâneo da arte da Bahia.

Esperamos que os artigos aqui apresentados possam contribuir para novas reflexões, análises e contribuições e convidamos nossas leitoras e leitores a participarem desse diálogo aqui iniciado, enviando-nos seus artigos, resenhas, propostas de dossiês e trabalhos de artistas para divulgação.